

SESSÕES DO PLENÁRIO

52ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de junho de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO CARLOS GEILSON (2º VICE-PRESIDENTE)

À hora regimental, na lista de presença, verificou-se o comparecimento dos senhores Deputados: Aderbal Caldas, Adolfo Menezes, Adolfo Viana, Alan Castro, Alan Sanches, Alex da Piatã, Alex Lima, Angela Sousa, Angelo Almeida, Angelo Coronel, Antônio Henrique Júnior, Augusto Castro, Bobô, Carlos Geilson, Carlos Ubaldino, David Rios, Eduardo Salles, Fábio Souto, Fabíola Mansur, Fabrício Falcão, Fátima Nunes Lula, Gika Lopes Lula, Heber Santana, Hildécio Meireles, Ivana Bastos, Jânio Natal, José de Arimateia, Joseildo Ramos Lula, Jurandy Oliveira, Luciano Ribeiro, Luciano Simões Filho, Luiz Augusto, Manassés, Marcelino Galo Lula, Marcell Moraes, Marcelo Nilo, Maria del Carmen Lula, Mirela Macedo, Neusa Lula Cadore, Paulo Câmera, Pedro Tavares, Robinho, Rosemberg Pinto Lula, Samuel Junior, Sandro Régis, Targino Machado, Tom Araújo, Zé Neto Lula, Zé Raimundo Lula e Zó. (50)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão.

PEQUENO EXPEDIENTE

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- Leitura do expediente.

OFÍCIO

Do Deputado Robinho comunicando que, devido a compromissos assumidos no cumprimento do mandato parlamentar, esteve ausente na Sessão do dia 06/06/2018.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- Antes de passar ao Pequeno Expediente, gostaria de submeter ao Plenário as atas das seguintes sessões: 49ª ordinária, realizada em 11 de junho de 2018; das sessões especiais 40ª, 41ª, 42ª,

realizadas, respectivamente, em 7 de junho de 2018 e 11 de junho de 2018. Os Srs. Deputados que aprovam as atas permaneçam como se encontram. (Pausa) Aprovadas.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- Pequeno Expediente. **(Oradores inscritos)**

Primeiro orador inscrito, o nobre deputado José Cerqueira de Santana Neto, Zé Neto.

O Sr. ZÉ NETO LULA:- Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr.^{as} Deputadas, aqueles que nos assistem, todo o público da *TV Assembleia*, Sr. Presidente que ora preside a sessão, inclusive, V. Ex.^a é de Feira, queria trazer um tema aqui e peço que V. Ex.^a também colabore no sentido de fazermos um amplo debate e uma intervenção, o mais rapidamente possível, no Centro de Abastecimento de nossa cidade, que é Feira de Santana.

Sr. Presidente, eu tenho 54 anos, vi de perto tudo que aconteceu ali, naquele Centro de Abastecimento. Lembro-me exatamente, há mais de 40 anos, quando o Centro de Abastecimento foi inaugurado. Lembro-me do vazio no centro da cidade quando a feira livre deixou de existir ali. Eu que morava ali próximo, no Marajó, e sempre ia às feiras livres que eram realizadas no centro da cidade, na Marechal, na Senhor dos Passos, na praça João Pedreira. E também me lembro da grande, suntuosa, magnífica obra do ex-prefeito José Falcão da Silva que era o Centro de Abastecimento. Eu digo era, Sr. Presidente, porque o Centro de Abastecimento passa por um momento muito difícil.

Particpei na semana passada, na última sexta-feira, de uma reunião com o coronel Luziel, da nossa PM, comandante do CPRL, e o coordenador regional da Polícia Civil, Roberto Leal. Também estavam presentes Pablo Roberto, o secretário municipal de Segurança de Feira de Santana, comerciantes e representantes, homens e mulheres, da associação, o vereador Roberto Tourinho e o ex-secretário de Comunicação do Estado, Robinson Almeida, que tem uma experiência vasta na parte de segurança, já que ele trabalhou muito no Pacto pela Vida.

E lá conversamos muito sobre segurança no Centro de Abastecimento. Seis pessoas foram assassinadas este ano no Centro de Abastecimento. E nós, do governo, comprometemo-nos a fazer uma intervenção, eu diria, mais consistente, mais ampliada para que possamos estancar essas dificuldades por que estão passando, agora, homens e mulheres que lá trabalham.

Acontece, Sr. Presidente, que não é só isso! E não vai ser só a polícia, neste momento, que vai amenizar essa tensão maior que está vivendo o Centro de Abastecimento, que vai melhorar o Centro de Abastecimento no que precisa ser melhorado.

E lá constatamos diversas situações que precisam ser enfrentadas imediatamente pelo município, e o estado está disposto a colaborar. Precisam ser enfrentadas também pela própria administração do Centro.

Aqui, eu quero ressaltar um ex-campeão do nosso glorioso Fluminense de Feira, Delorme, que faz um belo trabalho. Mas é um homem só, um homem sem o

apoio devido para que sua paixão pelo Centro possa ter, evidentemente, mais suporte do ponto de vista administrativo. Quero ressaltar que ele faz um bom trabalho.

Mas, Sr. Presidente, ninguém sabe o que se arrecada no Centro, não existe balanço, o Centro não tem visibilidade do que entra e do que sai. Agora, os caminhões entram no centro, pagam e o dinheiro vai para a receita municipal. Quanto retorna para o Centro?

O Centro não tem iluminação adequada. Até soube que fizeram uma intervenção por esses últimos dias, depois dessas polêmicas que estão acontecendo, principalmente depois de uma audiência pública realizada na Câmara Municipal, promovida pelo vereador Beto Tourinho.

E estamos vendo de perto a situação de extrema dificuldade por que passa o Centro, de forma estrutural. Ninguém sabe quem paga, quem não paga, o que se paga, não se sabe qual o critério de cobrança.

O Centro não tem uma cerca, a cerca foi, praticamente, destruída em vários pontos, os acessos ao Centro estão ruins, a parte elétrica está totalmente degradada e correndo o risco de incêndio, a parte sanitária totalmente destruída do ponto de vista, inclusive, da limpeza e obstrução.

Portanto, Sr. Presidente, eu acho que chegou a hora de deixarmos de lado qualquer diferença entre todos nós, todos os partidos, todas as vertentes da cidade e olhar para o nosso Centro de Abastecimento, olhar para esse embrião, para esse umbigo e para esse altar da nossa economia, da nossa cultura e da existência da nossa querida Feira de Santana. Vamos todos!

Agora, estou buscando o Ministério Público estadual para termos, ali, uma audiência com o Ministério Público e possamos elaborar um TAC, Termo de Ajuste de Conduta, pelo qual o estado vai fazer a parte dele na segurança e no que lhe couber, o município vai fazer a parte dele no que lhe couber, e todos os outros atores possam também participar desse importante momento que vai desde uma organização administrativa regulamentar até as partes mais estruturantes do Centro de Abastecimento.

Encerro dizendo, Sr. Presidente, que sei que não se pode fazer isso da noite para o dia, mas é preciso que nós todos sentemos ao redor de uma mesa, com bom senso, com serenidade, com responsabilidade, com amor à nossa Feira para que possamos encontrar saídas no tempo para o nosso Centro de Abastecimento.

Muito obrigado por sua tolerância, Sr. Presidente!

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- O.K., nobre deputado José Neto!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Geilson):- Com a palavra esse grande coiteense, grande no mandato que faz, na estatura moral que ele tem, deputado Tom Araújo.

O Sr. TOM ARAÚJO:- Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, todos que me assistem pela *TV Assembleia*, o que me traz a esta tribuna nesta tarde de segunda-feira é algo que é corriqueiro sempre que estejam próximas as eleições para o governo do

estado da Bahia. Isso aconteceu na reeleição de Jaques Wagner, na sucessão para Rui Costa e agora na tentativa de reeleição de Rui Costa novamente.

É muito lamentável que se faça obras eleitoreiras, eminentemente eleitoreiras. Percebo que nos municípios ali da microrregião do sisal e em alguns outros – e já tive oportunidade de visitar alguns – o governo do estado chega com um asfalto eleitoreiro nos centros dessas cidades. E se passa praticamente 4 anos sem nenhum tipo de intervenção, de melhoria de infraestrutura para esses municípios, mas quando chega próximo à eleição joga uma camada de asfalto por cima do paralelo, do calçamento, principalmente no centro da cidade. E eu fico a me perguntar: por que faz a população passar tanto tempo sem esse asfalto? E quando chega próximo da eleição, até parece que é para enganar a sua população, a população de cada cidade.

Eu fico assim até mesmo constrangido, porque a população, ela, na maioria das vezes, é enganada. Por quê? Porque ela tem a sensação, o sentimento de que o governo do estado está fazendo um grande governo, que está fazendo as transformações que a população precisa e merece.

Mas não é isso. E se deixa para a última hora, até aquela última hora a população já sofreu tanto. Agora, semana passada, sábado, e agora também, domingo, ontem, eu passei na BA-420, que sai de Riachão do Jacuípe e vem até antes de Santo Antônio de... Ali de... Não é de Santo Antônio de Jesus, é de Santo Estevão, de Santo Estevão passa por Ipecaetá, dá continuidade ali por Serra Preta, passa por Riachão do Jacuípe e vai até Monte Santo.

E um trecho, a cada trecho dessa BA-420, o governo faz algumas intervenções de 20, 30 quilômetros de uma cidade a outra e deixa o restante. Foi isso o que aconteceu ali: fizeram de Riachão do Jacuípe a Conceição do Coité, aí já não fizeram de Coité a Retirolândia, a Valente a Santa Luz, zero. Não fizeram nenhuma intervenção. Deixa esburacar, quando esburaca vai lá, faz o investimento, gasta muito mais para tornar trafegável. Agora, isso somente no período de eleição.

E aí fizeram, deputado Gika, a intervenção de Santa Luz até Queimadas, não é? Fizeram lá o asfalto, depois que estava totalmente deteriorado, e por conta disso muita gente morreu em acidentes por falta de segurança nessa estrada, porque não tinha trafegabilidade.

E eu fico a me perguntar: será que o governador do estado da Bahia não tem consciência de que tem que fazer intervenção desde o momento que ela começa a ficar esburacada, para não gastar tanto quando ela está totalmente acabada?

Aí fizeram de Santa Luz até Queimadas. De Queimadas até Cansanção a estrada está intrafegável, não tem condições nenhuma. O que é que adianta fazer trechos? Já que está com a empresa lá, licita a estrada inteira e faz ela por completo.

Tem ali uma BA-144, que sai do Laje do Batata e que vai até Morro do Chapéu. É vergonhoso. O governador esteve lá, assinou uma ordem de serviço, botou muita gente, o prefeito foi lá, fez aquela recepção...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) em Várzea Nova, mas até agora nada. E pior, as máquinas estiveram lá fazendo um tipo de... Tapeou as pessoas, fez uma ordem de serviço, mandou lá umas máquinas, e agora foi embora. A empresa simplesmente saiu.

São 76 quilômetros em que as pessoas vivem numa verdadeira penúria. É uma verdadeira penúria. E eu fico aqui indignado. Faço aqui esta cobrança para que o governador do estado...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) faça essas intervenções.

Pela sua tolerância, presidente. A intervenção de Cansanção, de Santa Luz e Queimadas a Cansanção, e a intervenção de Laje do Batata até Morro do Chapéu. Pelo amor de Deus, Sr. Governador, dê um jeito de resolver esse problema. O povo está muito carente.

Não imagine V. Ex.^a que a eleição está consagrada. Eleição se resolve no dia. Não faça a população pagar por um preço muito alto, imaginando até que a eleição está decidida. A eleição é em outubro, e eu tenho certeza de que a Bahia quer mudança, a Bahia não quer um tratamento dessa ordem. V. Ex.^a está fazendo a população sofrer.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Por 5 minutos o deputado Joseildo Ramos. Carlos Geilson. Não sei por que Joseildo Ramos. Corrigido a tempo.

Por 5 minutos, deputado Carlos Geilson.

O Sr. CARLOS GEILSON:- Sr. Presidente, Srs. Deputados que se encontram presentes; você que nos assiste pelo canal *TV Assembleia*; colega solitário, jornalista José Carlos Teixeira, do setor de Imprensa; meninas da Taquigrafia; quando Zé Neto subiu a esta tribuna, eu disse: Ele vai fazer um discurso combatendo a violência na Bahia e, especialmente, em Feira de Santana. Era o que eu esperava ouvir do Líder do Governo.

Mas ele traz um problema de Feira de Santana, que é um problema local, a questão do Centro de Abastecimento que, com o passar do tempo, várias transformações ocorreram, várias adaptações, mas que ainda não atende à demanda do comércio forte e pujante de Feira de Santana. Mas essa é uma questão, deputado Zé Neto, paroquial, uma questão local.

O que eu trago aqui é uma questão de Feira, mas que está esparramada, enraizada por todo o estado da Bahia, que é a questão da violência.

Feira de Santana viveu, neste final de semana, um dos mais violentos da sua história: 19 assassinatos, 18 homicídios e um latrocínio. Começou no sábado, de madrugada, com a morte de um policial militar que tentava impedir um assalto, e os meliantes balearam mortalmente este policial que estava em defesa da sociedade. Ao ver uma ação dos marginais, por um ato instintivo, partiu em defesa. Ele estava ali defendendo a sociedade. Baleado, morreu no local.

Como ocorre em todos os finais de semana em Feira de Santana, a violência aumentou ainda mais. Os números são alarmantes. Em junho de 2017, foram em torno de 22 homicídios. Nós estamos, hoje, no dia 18 de junho de 2018 e chegamos em torno de 40 homicídios, praticamente cem por cento a mais. E, olhem, o mês ainda não concluiu.

O que fazer? Nós temos um presídio em Feira de Santana que não recebe presos há dois meses. O Ministério Público não aceita colocar lá mais criminosos devido à superlotação. A polícia trabalha enxugando gelo, prende, tem a audiência de custódia e, imediatamente, o preso é liberado. Esta é a dura e cruel realidade.

O governo da Bahia tem que entender que perdeu este enfrentamento contra a criminalidade. A questão não é, apenas, trocar nomes de comando, mas é trocar filosofia, linha programática de combate ao crime, investir em muito mais inteligência, aparelhamento e estrutura.

Mas alguém vai dizer o seguinte: “Muitas pessoas foram esfaqueadas, brigas em família, brigas em bares, brigas em comunidades, outros foram baleados. E a polícia não tem como prevê a hora em que isso iria acontecer.” Mas é fato que a população está armada, pois as armas chegam a todos os lugares da cidade. A droga está presente em Feira de Santana nos mais diversos locais, os mais distantes.

O tráfico impera nas barbas da polícia, nas barbas do governo do estado.

Ah, mas a polícia não pode fazer, pois ela faz o que pode. Acredito realmente que, para uma viatura rodar numa cidade da extensão de Feira de Santana, é limitada a quantidade de combustível. Muitos policiais acabam, ao final do dia, com a viatura tendo que parar em algum local por falta de combustível.

E como enfrentar os marginais bem armados, bem estruturados?

Nós precisamos de um serviço de inteligência muito avançado para combater o crime em sua raiz, lá no nascedouro, para o criminoso não se criar. O não criar é que ele não tenha ações perversas e perpetradas contra a sociedade.

Infelizmente, o governo da Bahia perdeu esta guerra!

E o que mais nos chama atenção é que a gente observa que em outros grandes centros, como São Paulo, reduziram-se bastante o número de homicídios. E, na Bahia, ao contrário, numa velocidade estonteante, o crime está aumentando. Isso é sinal de que precisamos mudar a filosofia e a linha programática de combate ao crime.

Obrigado, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Por 5 minutos, o deputado Angelo Almeida.

O Sr. ANGELO ALMEIDA:- Boa tarde a todos, boa tarde aos deputados presentes e aos que estão na Casa assistindo à *TV Assembleia*.

Sr. Presidente, eu vou iniciar o meu pronunciamento, mas, antes, eu queria fazer já um encaminhamento de verificação de quórum, já que...

O Sr. Adolfo Menezes:- Eu falarei ainda, deputado.

O Sr. ANGELO ALMEIDA:- O senhor vai falar ainda? Ah, sim. Desculpe!

Sr. Presidente, acompanhamos aqui o deputado Carlos Geilson falando de um assunto que é temática em nível nacional: a questão da violência na segurança pública. Nós, obviamente, lamentamos o episódio sobretudo na nossa cidade, Feira de Santana, pois o movimento, lá, foi deflagrado, me parece, e não dá para esconder a realidade após o assassinato de um policial. Ao que tudo indica, está havendo uma reação da polícia.

Eu não acho muito compreensível, pois não dá para fazer esta leitura de se colocar um tema desta natureza em cima, de forma simplória, nas costas e na conta da política de governo, até porque, cada cidadão e cada cidadã do nosso estado, conseqüentemente também do nosso país, sabe perfeitamente que a violência hoje é fruto de uma profunda desigualdade social que o Estado brasileiro conduziu durante anos esse processo.

Desembocamos, agora, em um momento em que, não só o Rio de Janeiro, como outros estados, e aqui o deputado Carlos Geilson vem citar São Paulo. Todos nós estamos convencidos do quanto São Paulo mascara a sua realidade, ou seja, os seus números. Lá, existe um governo há mais de 20 anos, porém lá existe um estado civilizatório em nível de processo educacional da sociedade paulista muito mais qualificado do que o nosso aqui na Bahia. Basta olhar com um olhar clínico e apurado os índices da educação que temos nos estados do Sul e Sudeste onde, dentre eles, está São Paulo.

E quando nós imaginávamos existir uma política de combate à desigualdade social em curso, nós, hoje, estamos à mercê de um governo que trabalha. E quanto a todos os sinais de políticas públicas apresentados, esses são sinais de que vão aprofundar as desigualdades sociais.

Portanto, a nossa esperança de que, com o passar do tempo, e no curso da história, mais adiante, encontraríamos uma situação mais confortável nessa questão da desigualdade social, portanto da redução também da violência. Não é o sentimento que temos hoje. Porém o que nós precisamos acreditar é que a democracia e o estado crítico em que se encontra a política...

Nos resta torcer, para que o conjunto da sociedade observe o que está acontecendo. Nos assusta um pouco, Sr. Presidente, a forma que vem tomando...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) esse processo pré-eleitoral, quando estamos observando que os mesmos vícios, os mesmos vícios estão acontecendo, companheiro Gika. A eleição vai se encaminhando. E o que se vê no interior é um absurdo, onde as pessoas continuam se intitulando pseudo-líderes...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e, literalmente, vendendo os votos que acham que têm. Acham que têm e fazem do povo mercadoria. Tratam o povo como gado. Se dizem dono de voto. E as negociações que estamos acompanhando, infelizmente, a gente não tem polícia

apurada. E é necessário abrir o olho da Polícia Federal na Bahia para que não esperem os 40, 45 dias de eleição e comece de já a fazer investigações, a botar a inteligência para funcionar, porque estão tratando voto de povo como se trata gado para se botar em curral.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Tom Araújo):- Com a palavra o deputado Adolfo Menezes pelo tempo de até 5 minutos.

O Sr. ADOLFO MENEZES:- Sr. Presidente, Srs. Deputados, meu caro amigo deputado Angelo. V. Ex.^a está coberto de razão. Agora, sabe de quem é a culpa de tudo ou quase tudo que está acontecendo neste país? Dos próprios políticos, não todos é claro. E também nós, como deputados estaduais, não temos o poder – eu já falei diversas vezes, até por uma questão de desabafo –, nessa esculhambação geral que está o país. Hoje mesmo – eu vou deixar para ler aqui amanhã –, uma matéria na Tribuna da Bahia do jornalista, professor da USP Torquato, na qual o título é: “Esculhambação”. É o retrato. Porque a Câmara, deputado Angelo, a Câmara sabe que não tem sentido uma eleição todos os anos. Eu digo todos os anos, porque a eleição se realiza a cada dois anos, deputado Gika, mas há mais de 1 ano, 1 ano e meio está todo mundo em campanha. Então, uma eleição atrás da outra. De quem é a culpa? Do Congresso Nacional, que sabe, tem vários projetos para se fazer uma reforma política, para não falar nas outras reformas – tributária, trabalhista, previdenciária –, e não se faz.

Aqui, o deputado Carlos Geilson falou há pouco sobre a violência. V. Ex.^a teve a oportunidade de assistir, em Sr. do Bonfim, a um desabafo. E em quase todas as cidades, o governador, esse grande governador, tem feito com essa audiência de custódia. Se o marginal mete o revólver na cabeça de um, assalta, vai no juiz e o juiz libera. Quer dizer, porque está na lei. O Código Penal tem 80 anos e o Congresso não faz nada. A realidade do Brasil há 80 anos atrás era uma totalmente diferente de hoje. Há 80 anos atrás ninguém ouvia falar em droga. Era só nas grandes cidades e raramente. Hoje, a droga tomou conta de tudo.

Então o título realmente é: esculhambação geral, em todas as áreas. E não vai parar, deputado Gika. Os bandidos dando ordem de dentro da cadeia. Todas as autoridades sabem! E fazem o quê? Nada. Tipo: salve-se quem puder! É um terror! Nós estamos em guerra. Só que as pessoas não se comovem mais, porque se vive em guerra, tem que se acostumar com a guerra.

Todos os dias crimes brutais no país. Um dos milhares de crimes, desses 60 mil que já mataram em 1 ano no Brasil... Feira de Santana mesmo já ultrapassou a Síria em muitos anos, deputado Tom. Parece-me que só nesses 2 dias, 19. Vejam bem, na Inglaterra... Mas foi, deputado Angelo... Na Inglaterra – veja a situação do nosso país –, na Inglaterra foram cinco assassinatos em 1 ano! Em 1 ano, no Brasil, 12 mil. Isso o que está na estatística, porque a quantidade de outros que mataram e não estão nas estatísticas... Deve ter aí pelo menos o dobro. E o Congresso faz o quê? Nada.

Claro que tem deputados, senadores bem-intencionados, mas, infelizmente, é a minoria e precisa de 300 e tantos votos para fazer. A gente espera que o próximo presidente da República, que a gente não imagina quem seja... Deus ilumine a cabeça dos brasileiros para que não entrem no caminho – vamos dizer assim – da revolta que se encontra a população e queira colocar um aventureiro louco, como um tal de Bolsonaro, que o povo, muita gente acha que um louco daquele, que não entende nada de economia, de administração, pode governar um país como o nosso. Como se qualquer presidente do Brasil fizesse as coisas sozinho! Depende do Congresso Nacional.

Todo mundo lembra do presidente Collor, o “caçador de marajás”, que quis governar sem o Congresso. E o que aconteceu? Botaram para fora. Porque a máfia é muito grande, o povo nem sabe como é. Então muitos pelo desespero, pelas dificuldades – um pouquinho da tolerância, meu amigo presidente –, pela desesperança do povo...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Só notícias ruins, não é? Na televisão a campanha da *Globo* para demonizar os políticos, como se os políticos fossem os únicos capazes. Os políticos são o retrato da sociedade. Todos os dias a gente vê pastor, bispo em Goiânia, há poucos dias, desviando dinheiro da paróquia. Semana passada a Polícia Federal, na Ilha, metendo um bocado na cadeia...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) “de pescadores” – entre aspas – recebendo seguro-desemprego. Pescador que não sabia a diferença entre um peixe e uma galinha, viu, deputado-presidente?

É o retrato, não é? É o retrato! É no INSS nego desviando dinheiro. É nos Detrans nego vendendo carteira. É o título perfeito de hoje do jornalista Torquato, não é? É médico fazendo um molde de silicone para dar presença, para ganhar o dinheiro, o que é roubo da mesma forma, é desvio de recurso. É o jeitinho, não é?

Postos de gasolina: se pegar mil postos de gasolina, em qualquer lugar do Brasil, 1 litro só dá 99, 95, 80, quando não é batizada! Você vai na feira, deputado Gika, comprar 1 litro de seriguela e o fundo do litro está mais alto, porque só dá... Eu mesmo, quando vou comprar eu digo: me dá 1 litro desse meio aí, meu amigo! E o cara dá risada! Eu compro 2, eu compro 2 litros que vai dar 1. Quer dizer, eu pago 2, mas só dá 1. Eu não, o povo! É triste!

No supermercado, quando você pega os produtos, se você for medir o que está lá escrito, não dá! Se são 500 gramas, dá 480! É uma esculhambação geral este país! E poderia, sem demagogia, porque não é bom para ninguém... Eu juro que, se dependesse da vontade de muitos brasileiros, deputado Angelo, V. Ex.^a inclusive, da nossa, as coisas começavam a melhorar. Nós não podemos continuar dessa forma!

É errado o que se gasta no Congresso Nacional! Preste atenção se este país vai para algum lugar. Preste atenção. Eu falaria aqui, pelo menos 1 mês, em tanta coisa errada! Como é que quatro cidades da Bahia, do Brasil... Deputado Angelo, veja se este Brasil não é uma esculhambação geral. Veja para onde nós vamos. Quatro cidades, o Brasil tem quase 5.600 municípios. Eu vou falar de quatro – vejam bem –

aqui na Região Metropolitana – eu vou encerrar, Sr. Presidente –: São Francisco do Conde, Camaçari, Madre de Deus e Candeias. Em 4 anos, 200 milhões, 250 milhões vão embora nas câmaras de vereadores. Quatro cidades! Eu estou falando isso porque na própria cidade que eu conheço, em que eu resido, que é do porte, talvez menor um pouco do que a cidade do meu amigo Tom...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) em 4 anos vão embora 24 milhões para a câmara de vereadores. Então, Campo Formoso e Conceição do Coite, 50 milhões em 4 anos. Então, não tem jeito. E nego pergunta: “Vai para onde o dinheiro do Brasil?”

Os trilhões que são arrecadados, numa carga tributária a mais alta do mundo, porque são quase 40%, mas quando você precisa de saúde tem que pagar plano de saúde particular, porque agora não faz mais individual, nem faz de idade avançada, porque só querem fazer plano de saúde de quem está com a saúde boa. Vejam, tudo errado! Quem quer escola melhor para os filhos, é escola particular, universidade, por aí vai... É tudo uma baderna!

Falar em escola, vou concluir, Sr. Presidente, até porque não tem mais orador, só um pouquinho da tolerância. Veja que no Brasil virou tudo uma esculhambação. Eu, que sou relativamente jovem, me considero, deputado Gika, eu comecei, acredito que como vocês... Nós começamos a estudar no primário. Agora, não. No Brasil, nego está começando a estudar na pós-graduação. Todo mundo é embaixo de um pé de umbuzeiro, é na praia... “Você está fazendo o quê?” “Pós-graduação”. “Sou pós-graduado. Sou mestre, doutor.” Não sabe fazer um “o” com o copo, a maioria, porque virou comércio. Claro, com exceções. Virou comércio!

Quando fiz faculdade em Salvador, acredito que vocês também, tinha duas, três universidades na Bahia. Claro que é desenvolvimento, tem mais escolas. Agora, em qualquer lugar agora do interior da Bahia, do Brasil, tem faculdade. Faculdade! Comércio! Não precisa nem ir.

Assim... eu fui paraninfo, a despeito do meu gosto, mas fui paraninfo há poucos dias de uma faculdade. Eu, sentado feito um besta lá, e outros, na mesa, o cara está formando lá do Rio Grande do Sul pela televisão, por televisão. Só nesse dia, essa faculdade, 40 mil formandos naquele dia! Você imagine: uma faculdade!

Então, realmente, eu vou encerrar, Sr. Presidente. E olhe,...

O Sr. PRESIDENTE (Tom Araújo):- Eu sou tolerante com V. Ex.^a ...

O Sr. ADOLFO MENEZES:- Você está muito tolerante por isso que eu vou encerrar, até pelo São João. Veja bem, e olhe: vamos apertar o cinto e rezar, porque, em 2019, eu acredito que as dificuldades irão aumentar muito mais, porque não dá mais. O Brasil se encontra... Eu não sou nenhum especialista, mas basta um pouco de bom senso. Na minha opinião pelo que a gente lê e vê, a situação do Brasil, que nesse tempo todos os deputados federais e senadores ficaram só dando Tetrex, quer dizer remédio que não presta mais, em vez de dar um antibiótico de última geração para curar o doente, que é o país. Então só ficaram fazendo de conta, fazendo de conta, não é? Sem fazer as reformas. O próximo presidente, seja quem for, – a gente espera que seja uma pessoa que pelo menos tenha responsabilidade e saiba o que está

fazendo, para que esse país não pegar fogo – vai ter de dar um remédio de última geração, um antibiótico de última geração, porque o paciente, que é o Brasil, está em estado terminal. Ou dar uma carga grande de remédios de última geração para a gente tentar viver, ou a situação, Srs. Deputados, será lamentável.

A gente espera que um país como o nosso, que se encontra nessa situação... E a culpa, para encerrar, é dos políticos! A gente, eu sempre tiro a Assembleia ou as assembleias, porque nós não temos o poder de fazer as leis maiores, um Código Tributário mudar, o Código Penal que tem 80 anos, não é? Então, não é querendo tirar a culpa nossa, é porque nós não temos o poder de fazer as leis maiores deste país.

Muito obrigado, Sr. Presidente, pela tolerância.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Angelo Almeida:- Eu vou aproveitar, Sr. Presidente, peço uma questão de ordem, Sr. Presidente. Mas antes de concluir eu queria fazer uma abordagem sobre esse assunto e dizer, deputado Adolfo, recentemente saiu uma pesquisa eu fiz um diálogo, uma abordagem com o ex-deputado Domingos Leonelli, dirigente do PSB, e tratávamos desse assunto, da questão do número de universidades e faculdades do Brasil. Mas o que assusta, mesmo, é porque eu só daqueles que pensam assim, a expansão universitária por mais que ela seja criticada neste momento, ela sinaliza para a gente o que nós poderemos ser rum país daqui a 10, 20, 30 anos, com uma formação de base da nossa juventude muito mais consistente.

Uma universidade, eu penso que assim como um hospital, que tem uma dificuldade de decolar quando ele é construído e entregue à sociedade, seja ele público ou privado, leva a um período de maturação. Tendo acompanhado algumas críticas, da nossa bancada inclusive, do Hospital Metropolitano, perdão, do Hospital Municipal, da mesma forma que eu pedi paciência ao deputado do DEM, ao nosso colega, o médico, o deputado Alan Sanches, perdão, eu me esqueci o nome dele, o deputado Alan Sanches que fez críticas contundentes aqui ao Hospital da Mulher, e eu disse: “Deputado, fomos lá fiscalizar, é óbvio que não podemos tratar dessa forma”. Da mesma forma que tratei isso com ele, trato também com relação ao Hospital Municipal. Há que se ter uma maturação.

O mundo universitário é a mesma coisa. Uma universidade para ela se instalar e se qualificar também leva um tempo. É preciso maturação para isso, e nós estamos indo num bom caminho. O pior de tudo e o grande risco é ver uma pesquisa que estabelece... o resultado dela é de que cerca de 54% dos jovens brasileiros estão fazendo opção de ir embora do país, e isso é muito triste, porque são esses cérebros, são essas pessoas que haveriam ou haverão de construir um país mais igual, um país soberano e, sobretudo, lutar por uma nova geração.

Quando nós observamos que os jovens brasileiros estão fazendo a opção de ir embora, é muito assustador, e a gente fica pensando que futuro será deste país. Eu acredito que a saída ainda é a política, mas não essa política que vivemos hoje, aonde, volto a repetir, lideranças com a conivência de deputados, literalmente, vendem votos como mercadoria. Apresentam-se numa cidade, chamam a liderança, perguntam

quantos votos têm, faz conta e paga. E a polícia federal está onde que não observa isso, que não trabalha isso? É muito lamentável estarmos, realmente, preocupados, e é para ficar mesmo.

Sr. Presidente, portanto, já que não tem aqui, nesse momento, mais deputados, além de nós três, presidente, queria pedir a verificação de quórum.

O Sr. PRESIDENTE (Tom Araújo):- V. Ex.^a será atendido. Estou percebendo aqui que não dá para dar continuidade à sessão, por número insuficiente de deputados. Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.